

(I)MOBILIDADE: ABORDAGENS MIDIÁTICAS ACERCA DAS INDENIZAÇÕES PARA MOTOCICLISTAS ACIDENTADOS

*URBAN (I)MMOBILITY MEDIATIC
APPROACHES TO COMPENSATION
FOR INJURED MOTORCYCLISTS*

Cássia Lobão Assis

cassialobao@gmail.com

Doutora e professora do departamento
de Comunicação Social da
Universidade Estadual da Paraíba

DOI: 10.21882/ruc.v6i11.736

Recebido em: 06/04/2018

Aceito em: 31/05/2018

17

RESUMO

No artigo analisamos estratégias de telejornais para tratar do aumento de indenizações por acidentes que envolvem usuários de motocicletas. Para embasar nossas reflexões, utilizamos a perspectiva teórico-metodológica do *newsmaking* (WOLF, 1991; TRAQUINA, 2005). Como objeto de pesquisa, consideramos duas reportagens: uma veiculada pela Rede Record (08/08/2017) e outra veiculada na Rede Globo (28/09/2017). Essas reportagens ressaltam dados estatísticos relativos a mortes e invalidez de motociclistas e nelas a construção noticiosa ocorre, dentre outros recursos, mediante o uso do jornalismo humanizado, da apropriação de imagens cedidas por câmeras de vigilância e uso de infoimagens, estratégias que ampliam a perspectiva factual das narrativas.

Palavras-chave: Telejornalismo. Mobilidade urbana. Motocicletas.

ABSTRACT

In the article we analyze strategies of news programs to deal with the increase of indemnifications for accidents involving motorcycle users. To support our reflections, we use the theoretical-methodological perspective of newsmaking (WOLF, 1991; TRAQUINA, 2005). As a research object, we consider two reports: one published by Rede Record (08/08/2017) and another broadcast on Rede Globo (09/28/2017). These reports consider statistical data on the deaths and disability of motorcyclists and in them the news construction occurs, among other resources, through the use of humanized journalism, the appropriation of images provided by surveillance cameras and the use of infoimagens, strategies that broaden the factual perspective of narratives.

Keywords: Telejournalism. Urban mobility. Motorcycles.

Introdução: mobilidade urbana no discurso midiático

A questão da mobilidade urbana está na agenda da mídia cotidianamente, tendo em vista o caráter desafiador do assunto no mundo contemporâneo. Urbanistas, engenheiros de tráfego e engenheiros ambientais, dentre outros profissionais de áreas afins ao planejamento das cidades, tem à frente esse desafio que, no Brasil, compromete tanto a qualidade de vida quanto a produtividade das pessoas.

Em se tratando da prática jornalística, o assunto aparece nas notícias sobre planejamento e execução estratégicas para o setor, embora seja muito mais enfática na divulgação das tragédias circunstanciais relacionadas aos acidentes de trânsito. Mesmo porque os incidentes trágicos observáveis no cotidiano das estradas favorecem uma cobertura noticiosa espetacularizada, algo mormente mais atraente para alguns setores jornalísticos, embora esse tratamento espetacularizado não seja imanente a toda e qualquer narrativa midiática relacionada a esse tema.

No presente trabalho, nos propomos então estudar os mecanismos mais recorrentes da construção noticiosa dos acidentes que envolvem o uso de motocicletas, um tema que traz intrínseco um valor-notícia dos mais relevantes.

Ao mencionarmos o valor-notícia, designamos uma das categorias de pesquisa relacionado ao *newsmaking*, explanação teórico-metodológica que subsidia atualmente a diversidade de reflexões em torno do jornalismo enquanto construção, e não espelho da realidade. O *newsmaking* se consolidou, enquanto perspectiva teórico-metodológica para

estudos da mídia, a partir dos anos 70, quando os sociólogos Berger e Luckmann (1985) sistematizaram a perspectiva construcionista do fazer científico que serviu de lastro às novas pesquisas para muitas áreas das ciências sociais.

Diante dessa nova possibilidade paradigmática, a realidade enquanto construção social, o jornalismo passa a ser visto como algo mais complexo, que não resulta de deliberações simplistas e subjetivas do jornalista enquanto sujeito isolado de seu contexto. As novas pesquisas inspiram-se efetivamente nessa nova conjuntura sociológica, presente em estudos como o que está registrado no livro “A construção social da realidade”. Nesse estudo,

a realidade da vida cotidiana é continuamente reafirmada na interação do indivíduo com os outros. Assim como a realidade é originariamente interiorizada por um processo social, assim também é mantida na consciência por processos sociais (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 198).

Dessa forma, considera-se que o fazer jornalístico implica o acionamento de demandas mais amplas, inerentes à sociabilidade de toda uma equipe envolvida nessa atividade, e às rotinas de manufatura industrial desse produto que é a notícia. Por conseguinte, sob a perspectiva do *newsmaking*, temos inquirições e assertivas como:

*Por que as notícias são como são? Que imagem elas fornecem do mundo? Como essa imagem é associada às práticas do dia a dia na produção de notícias, nas empresas de comunicação? Essas são algumas das questões de que se ocupa o *newsmaking*, cuja abordagem se dá dentro do contexto da cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e os processos produtivos. As diversas conexões e relações existentes entre esses dois aspectos*

são a preocupação central da pesquisa da produção da notícia. (PEREIRA JR. 2003, p.80).

Em princípio, essa perspectiva construcionista subjacente ao *newsmaking* considerou os critérios de noticiabilidade, as rotinas produtivas e os valores-notícia como basilares à explicação das questões inerentes ao fazer jornalístico (WOLF, 1991, p. 159-228). Para os teóricos pioneiros do *newsmaking*, o jornalista não é um porteiro que seleciona arbitrariamente os fatos, conforme prescrevia a teoria do *gatekeeper*, tampouco a notícia é um mero reflexo da realidade, de acordo com os preceitos da teoria do espelho (PENA, 2008). A partir do *newsmaking*, a notícia, enquanto representação singular do real, e o jornalista, enquanto profissional especializado na elaboração do conteúdo dos veículos noticiosos, passam a ser considerados no contexto histórico, político, econômico e social em que estão inseridos.

Atualmente, a profusão de estudos de mídia ancorados no pressuposto da notícia como construção ou representação narrativa favoreceu o surgimento de outras perspectivas de investigação. As novas possibilidades ampliam os aspectos metodológicos do *newsmaking*, sistematizados por autores como Wolf (1991, p. 167) e Traquina (2005, p. 168). Critérios relativos ao produto e as novas demandas tecnológicas são utilizados nas pesquisas mais recentes, de modo a ampliar a compreensão de tendências mais atuais.

No presente estudo em prol de uma compreensão sistemática dos meandros da informação noticiosa que focaliza os acidentes de trânsito, elegemos a humanização dos relatos, a apropriação legal de imagens e o uso de infomagens como categorias de análise, tendo

em vista a evidência desses pontos nas reportagens que aqui avaliamos.

Demarcação teórica para compreensão das tendências

Acerca das possibilidades de humanização

Para abordar esta categoria de análise, tomamos por base estudos como o de Medina (2003), para quem a humanização é imanente à narrativa jornalística. Conforme a autora,

sem essa produção cultural — a narrativa — o humano não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as invisibilidades da vida. Mais do que talento de alguns, poder narrar é uma necessidade vital (MEDINA, 2003, p. 47-48).

Nessa perspectiva, igualmente relevantes são as palavras de Ijuim (2012), ao evidenciar que

O jornalismo humanizado produz narrativas em que o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista. No trabalho de apuração, busca versões verdadeiras e não, necessariamente, produz a verdade, pois o repórter não se relaciona com um objeto, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo (IJUIM, 2012, p. 133).

Considerando as assertivas de Medina e Ijuim, entendemos como axiomática a necessidade da humanização dos relatos quando da abordagem noticiosa aos acidentes de trânsito. As entrevistas com vítimas e com seus familiares, a descrição de suas condições de sobrevivência após o enfrentamento de um sinistro são emblemas dessa humanização prin-

principalmente no espaço da tevê, que tem na eloquência das imagens sua maior força argumentativa.

A apropriação em sua recorrência enunciativa

No tocante a apropriação legal de imagens para construção noticiosa, são oportunos os estudos de Andrade (2010) e Martins (2015), uma vez que tratam da utilização cada vez mais efetiva de imagens não produzidas pelas emissoras, porém por elas legitimadas no contexto das telerreportagens.

Nesse particular, são consideradas tanto as imagens de câmeras de vigilância, quanto as imagens não-profissionais, capturadas pelo público. Para Andrade, essa recorrência no uso de imagens amadoras nas edições faz crescer o telejornalismo apócrifo, ou seja, uma prática que escapa a uma estrutura então canônica para as notícias até a primeira década do século XXI. Por conseguinte,

A popularização de diversos tipos de dispositivos de captura de imagem, como é o caso das câmeras de vigilância, filmadoras amadoras, câmeras fotográficas e celulares dotados de recursos audiovisuais, webcams etc. têm ocasionado uma infinidade de conteúdos que originariamente não estariam comprometidos com a noticiabilidade, mas que têm sido utilizados em demasia no resultado das edições de produtos telejornalísticos. Assim /.../ evidencia um espaço de representação que outrora era exclusivamente circunscrito às redações dos veículos (ANDRADE, 2010, p. 04).

Por sua vez, Martins enfatiza que há uma efetiva reconfiguração do telejornalismo contemporâneo a partir da onipresença do que ela própria designa como máquinas de visibilidade. Segundo a autora, o que se pretende é

uma reiteração do compromisso com a espontaneidade que irrompe a partir da utilização desse tipo de recurso. Com as imagens amadoras e/ou de câmeras de vigilância

As narrativas jornalísticas buscam produzir um efeito de que aquilo que se vê na notícia é o próprio real, sem a interferência de alguém que relata algo que viu no mundo a partir de certas escolhas, que intentam organizar uma narrativa em busca de certos efeitos de sentido (MARTINS, 2015, p. 122).

O manuseio das infoimagens

Já para a questão das infoimagens, uma explanação suficiente ao presente trabalho está em Cabral (2012) que nos dá a ideia da representação imagética de informações, mediante a superposição de elementos como mapas, diagramas, texto, fotos e números. Conforme Cabral, (2012, p. 160), “os infográficos são códigos que compõem a visualidade da televisão e podem acompanhar as imagens gravadas ou até mesmo substituí-las, dependendo do tratamento editorial das notícias”. Em narrativas noticiosas que envolvem dados estatísticos, na era do telejornalismo digital, os infográficos se mostram imprescindíveis:

*Os editores lançam mão dessa estratégia para atingir objetivos bem variados: 1) simplificar o cruzamento de dados complexos para facilitar o entendimento do telespectador; 2) contextualizar, traduzir e/ou enfatizar dados numéricos ou textuais; 3) personalizar com vinhetas quadros fixos ou reportagens especiais; 4) ilustrar previsões meteorológicas, localizações geográficas, passagem dos anos e relações entre lugares, tempo ou situações e 5) complementar, visualmente, informações dadas no texto (gravado em *off*) (CABRAL, 2012, p. 161.)*

Outros recursos da narrativa noticiosa contemporânea costumam ser acionados na abordagem de fatos ligados a acidentes de trânsito, a exemplo da simulação do sinistro através de computação gráfica. Considerando o objeto de pesquisa selecionado para o presente trabalho, nos foi suficiente a menção ao uso das infoimagens, justamente porque aparecem de forma reiterada.

Na sequência, verificamos então a articulação dessas três categorias de análise para falar das mortes e invalidez no trânsito que, no Brasil, em 2017, vitimaram os motociclistas de forma muito expressiva.

Apreciação dos dados de pesquisa

Descrição e análise das reportagens

Ao contexto do presente artigo acadêmico foi bem oportuno encontrar duas reportagens televisivas, veiculadas pelas emissoras TV Record e Rede Globo, que trazem no agendamento os acidentes de trânsito, mais particularmente, aqueles que envolveram motociclistas. Dentre outras fontes informativas, as emissoras consideraram o relatório da empresa Líder – administradora do seguro DPVAT (Seguro de danos pessoais causados por veículos automotores de vias terrestres,

no Brasil). O documento aponta dados objetivos, relativos ao aumento no número de indenizações pagas a essas vítimas, em 2017¹.

A primeira reportagem foi veiculada no Jornal da Record, da Rede Record de Televisão, em 08 de agosto de 2017 e tem duração de 3m42s² e a segunda foi veiculada no telejornal “Bom dia Brasil”, da Rede Globo de Televisão, 50 dias depois da primeira, em 28/09/2017, com duração de 5m20s³.

A obrigatoriedade do seguro DPVAT é mantida pela Lei Federal nº 6.194/74 que sofreu alterações inscritas nas Leis 8441/92 e 11945/09. O DPVAT prevê o amparo legal a vítimas de acidente mediante indenizações. As duas reportagens mencionam esse seguro num item bem específico: os números relacionados aos acidentes com motocicletas. O relatório da empresa Líder aponta uma redução no pagamento de seguros relacionados a acidentes com automóveis na comparação entre 2016 e 2017, mas atesta um aumento bastante significativo nas indenizações por morte e invalidez em acidentes que envolvem veículos de duas rodas.

Dessa forma, o aumento nos acidentes com moto foi considerado um valor-notícia bem mais significativo nas duas emissoras de tevê. À época em que foi publicado, o relatório não foi imediatamente considerado

1 RELATÓRIO ANUAL DA EMPRESA LÍDER/SEGURO DPVAT-VERSÃO 2017. Disponível em: <https://www.seguradoralider.com.br/Documents/boletim-estatistico/Relatorio%20AnualSeguradora%20L%C3%ADder-DPVAT%202017_Versao_02.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2018.

2 REPORTAGEM DA REDE RECORD “MOTOS SOMAM QUASE 75 POR CENTO DAS INDENIZAÇÕES POR MORTE E INVALIDEZ, DIZ DPVAT”. Disponível em:

<<https://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/motos-somam-quase-75-das-indenizacoes-por-morte-e-invalidiz-diz-dpvat-08082017>>. Acesso em: 14 mar.2018.

3 REPORTAGEM DA REDE GLOBO “INDENIZAÇÕES POR MORTES NO TRÂNSITO CRESCEM MAIS DE QUARENTA POR CENTO”. Disponível em: <<https://globo-play.globo.com/v/6179495>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

para fins de reportagem na perspectiva factual, daí a distância cronológica na veiculação das duas matérias e a necessidade de nos reportarmos a telejornais inseridos em horários diferentes na grade de programação das emissoras. Em todo caso, ocorre uma menção explícita ao relatório do DPVAT em ambos os contextos noticiosos e essa constatação nos motivou a considerar as duas reportagens para fins de um estudo comparativo.

No Jornal da Record, a reportagem, que trata de um problema nacional, aparece ambientada nas cidades de Salvador (BA) e São Paulo (SP), sob a mediação dos apresentadores Adriana Araújo e Celso Freitas, da repórter Juliana Amaral, de Salvador e de um repórter que não aparece identificado na matéria, falando de São Paulo. Não há assinatura de cinegrafistas nesse material.

Por sua vez, a reportagem veiculada pelo Bom dia Brasil foi mediada pelos apresentadores Chico Pinheiro e Ana Paula Araújo (nos estúdios do Rio de Janeiro) e Rodrigo Boccardi (dos estúdios de São Paulo). A reportagem foi feita em São Paulo por Patrícia Falcoski junto com o cinegrafista Adriano Ferreira, muito embora, ao longo do VT, apareçam referências a outros lugares do Brasil, a exemplo de Teresina-PI, Recife-PE, Juazeiro-BA, Cuiabá-MT e Goiânia-GO. Na menção às outras cidades, não aparecem outros repórteres, a estratégia permite ampliar a dimensão geográfica, uma vez que se trata de um telejornal de rede e que deve trazer uma abordagem do assunto considerando todas as regiões brasileiras.

Menção aos dados quantitativos

As emissoras trazem números distintos ao tratar dessa questão, embora isso não

configure necessariamente um equívoco informacional. Trata-se de duas abordagens diferenciadas para um mesmo tema, em que cada equipe elegeu alguns dados em detrimento de outros; somou itens para configurar um resultado comum para algumas situações; ou considerou um período do ano para demonstração de resultados, e não o ano inteiro de 2017, conforme se apresenta no relatório da Líder/DPVAT. Enfim, cada emissora se permitiu uma edição dos dados matemáticos, elegendo o que lhes pareceu mais relevante no escopo dos valores-notícia, mensurado no cotidiano das rotinas de produção.

A Record se reporta a dados quantitativos ressaltando números proporcionais, já a partir da fala dos apresentadores: Em 2017, 75 por cento das indenizações por morte e invalidez no trânsito foram pagas a motociclistas ou a seus familiares. Esse dado aponta um aumento de 27 por cento de indenizações para esse tipo de condutor, se comparado ao relatório do ano anterior. A matéria ainda destaca que o maior número de casos aconteceu na região nordeste do país: 39 por cento. Nessa região, as motos somam 44 por cento do total de veículos circulantes, um dado que chama atenção, uma vez que, considerando o país como um todo, o percentual de motos é de 27 por cento.

Na segunda parte da reportagem do Jornal da Record, realizada por outro repórter, temos a informação mais localizada, circunscrita a São Paulo, maior metrópole do país. Conforme a reportagem, 25 por cento das indenizações do seguro DPVAT estiveram relacionadas a acidentes com motociclistas. A reportagem destaca ainda que a maioria dos acidentes aconteceu no horário entre cinco da tarde e oito da noite, momento de maior fluxo de trânsito, e que 55 por cento

das tragédias tem por vítimas jovens entre 18 e 34 anos.

Na reportagem da Rede Globo, o tema também começa a ser tratado mediante números proporcionais, já a partir dos apresentadores: o texto ressalta que cresceram em cerca de 40 por cento as indenizações por morte e que nove em cada dez indenizações por invalidez foram pagas a motociclistas.

Essas informações serão reforçadas posteriormente, na passagem da repórter, ao salientar essa cifra em números absolutos: das 16.977 indenizações por invalidez, no mês de agosto, no estado de São Paulo, 15. 270 foram pagas a motociclistas.

Análise das estratégias na abordagem qualitativa

Os dados quantitativos, mencionados no item anterior, foram então contextualizados numa construção discursiva que amplia o factual, pois deixa claro o objetivo de fazer a sociedade repensar sobre seu comportamento no trânsito.

Por conseguinte, tomando por primeiro critério a questão da humanização dos relatos, é importante ressaltar que as duas matérias trazem entrevistas com jovens rapazes sobreviventes e efetivamente marcados por acidentes de trânsito. Nas duas reportagens, as vítimas atualmente frequentam clínicas de reabilitação. Na reportagem da Record, Adrian Toledo é quem conta a tragédia que sofreu e contabiliza avanços, uma vez que já consegue ficar de pé após um longo período de inatividade. Adrian usa um discurso remissivo para falar do quanto o acidente

mudou sua vida, lembrando os dias de hospital que o obrigaram a interromper os estudos.

Por sua vez, no material da Rede Globo, a entrevista que envolve um paciente em reabilitação, no caso, Alisson Barbosa, atesta que nem sempre os motociclistas são os causadores dos acidentes: Alisson é paraplégico, principal sequela do acidente que sofreu, e se apresenta na reportagem como vítima de uma motorista bêbada. Seu discurso reitera a responsabilidade no trânsito como imperiosa para todos os cidadãos e cidadãs. A partir do caso de Alisson, a reportagem ressalta o quanto a alta estatística vitimizadora dos acidentes envolvendo motos não é de responsabilidade exclusivamente de motociclistas.

Em outras entrevistas, ocorre a referência ao cotidiano de pessoas que se utilizam das motocicletas não apenas como meio de transporte, mas como instrumento de trabalho e o quanto a necessidade de cumprir metas, a partir do ganho de tempo na circulação pelas ruas e estradas, pode comprometer a preocupação desses condutores com os preceitos de segurança no trânsito.

Nesse particular, as duas reportagens aqui estudadas atestam o esforço de aproximação com personagens efetivamente representativos dessa questão, a saber, mototaxistas e entregadores de mercadorias. Ainda que aponte essas motivações subjetivas mencionadas pelos entrevistados, as emissoras são enfáticas em discordar das atitudes que configuram desrespeito às leis de trânsito. No caso da reportagem veiculada no Bom dia Brasil, ocorre a exibição de uma série de imprudências, praticadas em vários municípios

do país, e os apresentadores do telejornal deixam claro o absurdo da situação a partir de comentários contrários a tais práticas.

As duas emissoras de tevê evidenciam, portanto, aquilo que Medina (2016, p. 269) nos aponta como imprescindível na construção da humanização do relato, ou seja, a necessidade de se fazer presente no local onde o caos se manifesta, num gesto de aproximação em direção às pessoas que vivem esse caos real.

Nosso segundo critério de análise, no caso, a apropriação de imagens de outros contextos informacionais por parte dos telejornais é plenamente observável na reportagem veiculada pelo “Bom dia Brasil”. Conforme já salientamos, a referida reportagem foi feita em São Paulo, porém com demonstrações explícitas do desrespeito às leis de trânsito em outras cidades brasileiras.

Para dar respaldo ao argumento de que os acidentes poderiam ser significativamente minimizados com o fim das imprudências e desrespeito às leis, foram usadas imagens configurativas do movimento de tráfego nas cidades.

Porém, além das imagens que atestam o grande fluxo de carros e motocicletas nas cidades brasileiras, a reportagem do Bom dia Brasil se utilizou de imagens de câmeras de vigilância dos órgãos de monitoramento de trânsito. Na matéria, o uso desse tipo de imagem não aparece identificado mediante uma informação explícita acerca da fonte das imagens. Tomamos consciência de que se tratam de imagens apócrifas mediante as informações eletrônicas automáticas registradas pelas

câmeras de vigilância, inscritas no canto superior da tela e que revelam basicamente o horário e o local das ocorrências.

Utilizadas como ferramenta na construção noticiosa, essas imagens do monitoramento, cedidas pelo órgão de trânsito, evidenciaram a responsabilidade dos condutores na adequada ou inadequada fluência dos veículos em vias públicas, pois carregaram o pressuposto da irrefutabilidade. Assim, foi possível constatar que

as atuais linhas estéticas — entre as quais descendem as que amparam e renovam as narrativas de telejornais — prezam pelo contato, pelos signos que explicitam registros calcados na exposição do flagrante, do trauma, de tudo o que se pretende mais real que a sua própria representação (MARTINS, 2015, p. 127).

É aliás esse pressuposto que garantiu a popularização do uso desse tipo de imagem no escopo das matérias jornalísticas, e que viabilizaram as ponderações teóricas perpassadas pela teoria construcionista. A reiteração do uso desse tipo de imagem nos permite considerar que, efetivamente,

torna-se importante investigar as formas de tratamento e o modo narrativo que são próprios das informações jornalísticas televisivas promovidas a partir das imagens de câmeras de vigilância e de captações amadoras, dado que facultam, inexoravelmente, uma nova percepção na linguagem televisual (ANDRADE, 2010, p.04).

Acerca do uso de imagens captadas por amadores, também há uma demarcação explícita de que houve a utilização desse recurso nas matérias aqui estudadas. Por exemplo, na sequência de cenas de várias cidades, inseridas na reportagem da Rede Globo, po-

demos inferir que os flagrantes de imprudência foram captados por cinegrafistas ocasionais, ainda que a informação explícita dessa apropriação, que poderia vir sob a forma de créditos na reportagem, mediante o uso do gerador de caracteres, tenha sido ocultada desse contexto.

No tocante ao uso de infoimagens, nosso terceiro critério de análise, é importante ressaltar que o recurso foi utilizado ao longo de ambas as matérias para a expressão de todos os dados quantitativos imanentes e fundamentais a qualquer reportagem que tivesse por base as estatísticas das indenizações por acidente de trânsito.

De maneira geral, esse é um dos recursos mais importantes nas narrativas jornalísticas que tem como pano de fundo a informação de resultados estatísticos. Nos exemplos ora trabalhados, a estratégia foi usada predominantemente como ilustração justaposta, isto é, aciona-se mais de um elemento significativo à informação por ocasião do manuseio de infoimagens, possibilidade considerada por Velho (2007, p.154) quando salienta que as infoimagens constituem uma representação visual na qual é possível o cruzamento com mapas, diagramas e fotografias.

No exemplo da reportagem do Jornal da Record, a informação de que o maior número percentual de indenizações por invalidez ou morte ocorre na região nordeste nos chega mediante o texto dito na passagem da repórter e tendo ao fundo a infoimagem de um mapa do Brasil, no qual aparece em destaque, através de um recurso cromático, a região geográfica mencionada e o percentual de pessoas contempladas com a indenização, no caso, 39 por cento.

O uso de infográficos, aliás, também compôs o cenário da passagem da repórter na matéria do Bom dia Brasil, atestando a relevância dada a essa possibilidade de construção de sentido, para o assunto particular das indenizações por invalidez. O infográfico reforça, em números absolutos, uma informação já prestada pela apresentadora, em números proporcionais, ao início do telejornal, no qual ouvimos que “nove em cada dez indenizações por morte ou invalidez no trânsito foram pagas a motociclistas ou a seus familiares”. No reforço à informação, mediante uma outra convenção aritmética presente na infoimagem, subjaz a intenção de demonstrar a gravidade do problema dos acidentes envolvendo um segmento particular de condutores de veículos.

Nas duas reportagens, os infográficos efetivamente se constituem numa expressão, não apenas informativa, mas principalmente argumentativa acerca da necessidade da conscientização social para com essa questão. Não basta enfatizar a tragédia urbana subjacente a esses números mediante o discurso oral, nos textos narrados em *off* e presentes nas chamadas dos apresentadores: é preciso o reforço contumaz dessas informações na representação imagética.

Considerações finais

Nos dispusemos neste trabalho a analisar duas reportagens televisivas que versam sobre o aumento de indenizações a vítimas de acidentes envolvendo motocicletas. Nos contextos de produção jornalística escolhidos para a pesquisa – as reportagens das Tevês Record e Globo – verificamos o uso da humanização dos relatos, apropriação de imagens de terceiros e manuseio de infoimagens. Essas es-

estratégias recorrentes enfatizaram a necessidade das atitudes preventivas, a saber, prudência e obediência às leis de trânsito, principalmente no que concerne ao transporte de passageiros e de cargas em motocicletas, ao controle de velocidade e as decisões de ultrapassagem.

O material jornalístico, embasado no relatório da empresa que administra o seguro de proteção às vítimas do trânsito, o seguro DPVAT, é mais uma possibilidade discursiva para destacar essa ênfase na prevenção. O objetivo mais amplo e justamente minimizar um dos problemas mais sérios envolvendo a questão da mobilidade urbana mediante informações ligadas às demandas do cotidiano.

A abordagem jornalística desse relatório, feita pelas duas emissoras, junta-se às inúmeras reportagens cotidianas e factuais sobre as trágicas mortes precoces ocasionadas pelos acidentes. Mostra ainda que, mesmo nos casos em que não ocorreu o óbito, os acidentes comprometem a vida, não apenas da vítima, mas também de todo seu entorno. Exemplos de uma prática profissional que pretende justamente aumentar a teia argumentativa em favor da paz no trânsito.

Sem o apelo à espetacularização, as duas matérias atestam a relevância do tema enquanto valor-notícia, cuja incursão nas rotinas produtivas nos é sempre oportuna. Por outros termos, apesar da diferença cronológica na exibição, a abordagem da questão nos dois veículos de comunicação se mostrou oportuna e imprescindível.

Fica evidente, portanto, nos dois exemplos, que os números apontados em infomagens e as cenas de flagrantes de impru-

dência precisam diminuir nos relatórios posteriores. A população deve ser efetivamente conscientizada do potencial que possui para conseguir esse resultado, ainda que não fechemos os olhos à necessidade de um planejamento urbano mais eficaz, principalmente nas grandes metrópoles, visando garantir o aporte de mobilidade compatível à vida contemporânea.

Assim, mesmo questões consensuais, como a preservação à saúde e à vida aqui subjacentes, necessitam de uma elaboração técnica criteriosa por parte da mídia. Uma elaboração perpassada por ações mais complexas, vinculadas à teoria construcionista, em todo seu pressuposto de perceber a notícia enquanto construção da realidade e que tem nos novos dispositivos tecnológicos um de seus principais suportes.

Nas construções noticiosas a que aqui nos reportamos, vimos o quanto podem ser acionados elementos facilitadores à compreensão dos discursos de outras instâncias sociais, a exemplo do trabalho de tradução dos dados estatísticos voltados ao mapeamento dos acidentes de trânsito para uma linguagem mais apropriada ao público heterogêneo dos telejornais.

Ainda que pudessem ser ressaltados apenas os prejuízos econômicos decorrentes do alto índice de indenizações por morte e invalidez, as reportagens enfatizam os prejuízos humanos como mais contumazes à demonstração de que precisamos de um melhor comportamento no trânsito. Acreditamos que esse encaminhamento editorial que perpassa as duas matérias é mais emblemático acerca do papel do jornalista e do jornalismo contemporâneo ante assuntos de expressiva relevância

e de inegável impacto no cotidiano da sociedade.

Referências

ANDRADE, A.P.G. “Telejornalismo Apócrifo: Imagens de Câmeras de Vigilância e Vídeos Amadores na Construção da Narrativa Telejornalística”. In: **Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1655-1.pdf>>.

Acesso em: 01 abr. 2018.

IJUIM, J.K. “Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas”. In: **Revista comunicação midiática**. v.7, nº 2. maio/agosto/2012. Universidade Federal de Santa Catarina UFSC. p.117-137. Disponível em:

<<http://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/comunicacaomidiatica/article/view/196>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Trad. Floriano Sousa Fernandes. Petrópolis-RJ: Vozes, 1985.

CABRAL, A.M. “Informação, simulação e infoimagem: a realidade expandida no telejornalismo”. In: Porcello, F. et al. **O Brasil (é)ditado**. Florianópolis: Insular, 2012. p. 141-167

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide: por uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

MARTINS, M.O. **Novos efeitos do real concretizados pelas máquinas de visibilidade: reconfigurações no telejornalismo perante a ubiquidade das câmeras onipresentes**

e oniscientes. Tese. 167 p. Doutorado em Comunicação. Universidade de São Paulo. 2015. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-19092016-161727/en.php>>. Acesso em: 28 set. 2018.

MEDINA, C. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. 2ª edição. São Paulo: Summus, 2003.

_____. Ato presencial, mistério e transformação. São Paulo: Casa da Serra, 2016.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA Jr., A.V. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. Porto Alegre: Edpucrs, 2003.

PONTE, C. **Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico**. Florianópolis: Insular, 2005.

REZENDE, R. “A tecnologia e a transformação do dispositivo televisivo: produções sensoriais no hibridismo realidade/ficção” In: **Revista brasileira de história da mídia**. v.1, n° 2, jul-dez/2012. São Paulo: ABPHM, p. 11-29. Disponível em:

<<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/viewFile/3910/2269>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

VELHO, A.P.M. **Jornalismo hipermídia: desenhando a notícia científica na web**. Tese de doutorado. PUC-São Paulo. São Paulo 2007. Disponível em:

<<http://www.fiocruz.br/brasiliana/media/Ana%20Paula%20Machado%20Vello%20Tese.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2018.

WOLF, M. “Da sociologia dos emissores ao ‘newsmaking’”. In: _____. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial presença, 1991. p.159-227.